

CARTAS DE SI: ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS EM QUÍMICA

Luciana Rodrigues Leite de Souza ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a potência da escrita autobiográfica, materializada em cartas, como metodologia de escuta, acolhimento e compreensão dos sujeitos em formação inicial no curso de Licenciatura em Química. A experiência foi realizada com estudantes ingressantes, que foram convidados a escrever cartas respondendo a três questões: Quem sou eu? O que me trouxe até aqui? Quais são minhas expectativas? Assim, as cartas constituíram-se em dispositivos de expressão de identidades, trajetórias e sentidos atribuídos à formação docente. A base teórica que ampara esse estudo fundamenta-se no caráter formativo das narrativas de si (Passeggi, 2011; Josso, 2007) e no viés pedagógico da escrita de cartas (Freitas, 2021). Nesse intento, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, inspirada nos estudos (auto)biográficos, e utiliza a análise compreensiva-interpretativa (Souza, 2014) como estratégia para organizar os principais eixos emergentes das narrativas. Os resultados evidenciam que a escrita de si favorece a construção de vínculos entre estudantes e professores, possibilitando que o espaço formativo seja também um espaço de acolhimento, escuta e reconhecimento das experiências pessoais que atravessam a escolha pela docência. Destaca-se, ainda, o potencial emancipatório intrínseco à escrita de cartas, bem como suas contribuições para o exercício de escrita autoral por parte dos estudantes em formação inicial. Conclui-se que o exercício de escrever cartas no início da graduação revela-se uma prática pedagógica profícua, capaz de articular dimensões pessoais e acadêmicas, fortalecer a identidade docente em formação e promover uma educação mais humanizada.

Palavras-chave: Cartas pedagógicas, Formação inicial de professores, Narrativas de si.

INTRODUÇÃO

O cenário educacional contemporâneo, atravessado por demandas sociais de diferentes ordens e pela crescente complexidade dos processos de ensino e aprendizagem, exige dos formadores de professores a revisão constante de suas práticas pedagógicas. Mostra-se urgente ultrapassar modelos de formação pautados no tecnicismo e reconhecer as dimensões subjetivas, afetivas e humanas que constituem os atos de ser e tornar-se professor. Nessa perspectiva, a escrita (auto)biográfica - especialmente quando assumida na forma de cartas -

¹ Doutora em Educação. Professora do curso de Licenciatura em Química da Universidade Estadual do Ceará (UECE), no campus da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC), luciana.leite@uece.br.





tem se constituído como estratégia pedagógica de escuta e reflexão sobre si, ao possibilitar que os escreventes revisitem suas trajetórias e experiências formativas (Freitas, 2021).

A experiência apresentada neste texto foi desenvolvida com estudantes do 1º semestre do curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC), unidade da Universidade Estadual do Ceará (UECE) localizada no interior do estado do Ceará. Uma proposta que surgiu da inquietação sobre como favorecer, desde o início da graduação, práticas pedagógicas que aproximem o licenciando de uma abordagem de formação integral, que considere suas experiências de vida, emoções, expectativas e motivações.

Os licenciandos foram convidados a escrever uma carta respondendo a três perguntas - Quem sou eu? O que me trouxe até aqui? Quais são minhas expectativas? Indagações que foram formuladas com o propósito de favorecer um movimento de autorreflexão e reconhecimento das trajetórias pessoais e formativas que cada estudante traz consigo ao ingressar na universidade. De modo complementar, a escrita de si foi apreendida como uma oportunidade de ressignificar o ingresso no âmbito acadêmico, e assumiu função formativa, ao possibilitar que os estudantes elaborassem narrativas autorais sobre si e sobre o processo de tornar-se professor de Química.

Baseado no exposto, este artigo tem o objetivo de refletir sobre a potência da escrita autobiográfica, materializada em cartas, como metodologia de escuta, acolhimento e compreensão dos sujeitos em formação inicial. Almeja-se, ainda, evidenciar as contribuições dessa prática para a constituição da identidade docente e para a humanização dos processos formativos. Nesse intento, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa, inspirada nos estudos (auto)biográficos e fundamentado na compreensão de que narrar-se é também formar-se (Passeggi, 2011; Souza, 2014), visto que o gesto de escrever cartas pode se converter em um ato pedagógico de partilha, vínculo e emancipação.

METODOLOGIA

Este estudo possui abordagem qualitativa e adota o método (auto)biográfico como perspectiva epistemológica e formativa, fundamentado na compreensão de que a reflexão sobre a experiência narrada agrega um novo posicionamento político em ciência, ao implicar princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, mediante a valorização de sua capacidade de reflexão (Passeggi; Souza, 2017). Ressalta-se, portanto, o sujeito e suas





narrativas, e compreende-se que o conhecimento também se constrói a partir das experiências vividas, narradas e refletidas.

Buscou-se compreender os sentidos produzidos por licenciandos em Química ao escreverem sobre si, suas trajetórias e expectativas, a partir da experiência de escrita de cartas. A atividade foi desenvolvida no curso de Licenciatura em Química da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC), vinculada à Universidade Estadual do Ceará (UECE), localizada na região dos Sertões de Crateús – Ceará. Participaram da proposta 14 estudantes matriculados na disciplina Psicologia do Desenvolvimento, ministrada no primeiro período letivo do curso, e a proposta consistiu em convidá-los a escreverem cartas autobiográficas, respondendo a três perguntas norteadoras: a) Quem sou eu? b) O que me trouxe até aqui? c) Quais são minhas expectativas?

As orientações para esta atividade formativa foram apresentadas em sala de aula, em um momento de diálogo sobre a importância da escrita como prática de expressão e reflexão pessoal. As cartas foram escritas de modo livre e os participantes puderam optar pelo formato impresso ou digital. Destaca-se, ainda, que o exercício foi realizado em clima de escuta e acolhimento, com a garantia do sigilo e anonimato das narrativas, conforme os princípios éticos que orientam pesquisas com seres humanos.

As cartas foram lidas e analisadas à luz da análise compreensiva-interpretativa proposta por Souza (2014), metodologia que busca apreender os sentidos produzidos nas narrativas a partir do diálogo entre o vivido, o dito e o interpretado. Esse tipo de análise privilegia a escuta sensível do texto, identificando núcleos de significação emergentes que revelam aspectos identitários, afetivos e formativos da trajetória dos licenciandos.

O processo analítico ocorreu em três tempos, conforme orientado por Souza (2014). No tempo I foi realizada a leitura e organização das cartas, para familiarização com o conjunto das narrativas, construção do perfil do grupo de licenciandos e leitura cruzada, considerando as especificidades de cada história. No tempo II houve a identificação de eixos temáticos recorrentes, tais como motivações para a escolha do curso, desafios do ingresso na universidade, expectativas, etc., enquanto no tempo III ocorreu a interpretação compreensiva, relacionando os sentidos emergentes aos constructos teóricos discutidos por Passeggi (2011), Josso (2007), Freitas (2021) e Souza (2014), especialmente no que tange ao caráter formativo da escrita de si e ao potencial pedagógico das cartas.

REFERENCIAL TEÓRICO





A pesquisa (auto)biográfica tem se consolidado no âmbito educacional brasileiro sob os prismas da pesquisa e da formação, visto seu potencial em possibilitar que os sujeitos, por meio de narrativas orais e/ou escritas, explicitem as marcas que possibilitaram a construção de identidades pessoais e coletivas (Souza, 2014). Uma de suas singularidades consiste, portanto, no reconhecimento do valor formativo da experiência, pois ao narrar-se o sujeito revisita o passado e projeta o futuro, tecendo articulações entre o vivido e o que ainda deseja viver, além disso, “[...] a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se [...]” (Passeggi, 2011, p. 147).

Josso (2007) corrobora essas perspectivas ao evidenciar que a narrativa de histórias de vida tende a promover processos de transformação de si, visto revelar a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade das identidades ao longo da existência. A autora defende que o trabalho sobre a subjetividade singular-plural constitua uma prioridade na formação de adultos, dada a natureza (auto)formativa dessa prática, que favorece a constituição da identidade profissional e o desenvolvimento de uma postura reflexiva diante da própria trajetória educativa.

Dentre os múltiplos modos de expressão autobiográfica, a escrita de cartas ocupa lugar singular, visto articular as dimensões pessoal, comunicativa e pedagógica. Nesse ínterim, mostra-se pertinente destacar que as cartas são apreendidas no âmbito deste trabalho sob a perspectiva freiriana, como possibilidade de romper com a concepção de educação bancária, valorizar o diálogo, a amorosidade e a subjetividade (Freire, 2021), além de fomentar a produção escrita autoral de educadores e estudantes (Freitas, 2021).

Baseado em Freire (2021) e Freitas (2021), assume-se o viés pedagógico das cartas, um gênero discursivo que aproxima sujeitos e tempos distintos, instaurando um diálogo sensível entre quem escreve e quem lê. Assim, “[...] referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento [...]” (Vieira, 2018, p. 75)

Ao adotar a carta como instrumento de formação, se reconhece que o ato de escrever é também um ato de existir e de se fazer ouvir, que favorece a transformação da formação docente. Uma prática que desloca a escrita de seu viés tradicionalmente avaliativo e técnico, para lhe conferir uma dimensão afetiva, ética, política e humanizadora, que valoriza a experiência vivida, as emoções e promove uma formação mais sensível, dialógica, conectada à realidade educativa (Fortunato; Franco; Araújo, 2025).

Em síntese, compreende-se que a escrita (auto)biográfica, quando incorporada à formação inicial de professores, especialmente na forma de cartas, revela-se uma estratégia





profícua para o desenvolvimento de práticas formativas mais sensíveis, reflexivas, comprometidas com a emancipação humana e a valorização das experiências de vida como fonte legítima de conhecimento e de aprendizagem profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura e análise das cartas produzidas pelos licenciandos do 1º semestre do curso de Licenciatura em Química revelaram a riqueza e a complexidade das experiências que permeiam o início da formação docente. As narrativas expressaram sentimentos de expectativa, insegurança, curiosidade e pertencimento, constituindo-se em espelhos das trajetórias singulares dos sujeitos que chegam à universidade carregando histórias de superação e sonhos.

A partir da análise compreensiva-interpretativa (Souza, 2014), emergiram três eixos temáticos centrais, que são explicitados a seguir: a) Trajetórias de vida e sentidos da escolha pelo curso de Química; b) Desafios e sentimentos no ingresso à universidade; c) A escrita de cartas como espaço de escuta, acolhimento e (auto)formação.

Trajetórias de vida e sentidos da escolha pelo curso de Química

O grupo de licenciandos recém-ingressos tem idades entre 17 e 25 anos, e muitos deles são os primeiros da família a ingressar no ensino superior - dado que evidencia a diversidade e os desafios presentes no contexto formativo. Todos são egressos de escolas públicas e a grande maioria é oriunda de municípios vizinhos e/ou da zona rural, ao passo que utiliza o transporte escolar para ter acesso a Universidade. Além disso, praticamente todos pertencem a famílias de baixa renda e enxergam na educação um caminho – ou o único caminho - para a ascensão social.

As cartas evidenciaram que a escolha pelo curso de Química, embora nem sempre planejada, está profundamente ligada às experiências escolares e às relações afetivas construídas com professores da Educação Básica. Os estudantes relataram que a admiração por um docente, a curiosidade pelas aulas experimentais ou o desejo de compreender fenômenos do cotidiano foram motivações determinantes para o ingresso na licenciatura. Outros mencionaram o sonho de contribuir para uma educação pública de qualidade e de ocupar um espaço social antes inacessível às suas famílias, conforme ilustrado na narrativa abaixo:





Ao término dos últimos meses do Ensino Médio, meus professores fizeram que eu me apaixonasse pelo ensino, com as histórias e demonstrações de onde vieram e o que se tornaram. É isso que me motiva estar aqui. Minhas expectativas é de retornar ao Instituto Federal, onde a minha história com a Química começou e poder ministrar aulas e ser reflexo dos professores que me motivaram tanto (Narrativa de uma licencianda).

Essas narrativas dialogam com o pensamento de Josso (2010) sobre as trajetórias de formação, entendidas como percursos biográficos que articulam dimensões pessoais, sociais e educacionais. Assim, ao revisitarem suas histórias, os licenciandos atribuem novos sentidos ao caminho percorrido e passam a reconhecer-se como sujeitos em formação. É mediante esse processo que o exercício da escrita tende a permitir a emergência de uma consciência identitária sobre o ser e o tornar-se professor.

Desafios e sentimentos no ingresso à universidade

Outro eixo recorrente nas cartas refere-se aos desafios enfrentados pelos estudantes ingressantes no curso de Licenciatura em Química. As narrativas apontam sentimentos de medo, ansiedade e insegurança diante do novo contexto acadêmico, especialmente entre aqueles que são os primeiros da família a cursar o ensino superior. A transição do ensino médio para a universidade é vivida, por muitos, como um período de descobertas e rupturas, em que o entusiasmo pela conquista se mistura às incertezas sobre a adaptação e pertencimento, conforme narrado a seguir:

Terminei o ensino médio no ano de 2024 e fiz a prova do ENEM e o vestibular da UECE. Eu pensei que não iria passar, até quando vi o resultado e notei que havia sido aprovado. Confesso que fiquei com medo de iniciar a Faculdade, foi quando meus pais falaram comigo e me motivaram para fazer, porque além de ser sonho deles me ver formado, é um dos requisitos para prestar o concurso para a Perícia Forense (que é o meu sonho) (Narrativa de um licenciando).

A distância da família, as dificuldades financeiras e a adaptação às exigências da vida universitária aparecem como desafios centrais, mencionados de modo sensível nas cartas. Destaca-se o fato de que muitos desses estudantes conciliam o curso com o trabalho, haja vista a necessidade de contribuir na renda familiar. Eles citadas ocupações de babá, empregada doméstica, garçom, secretária, auxiliar de pedreiro, técnico de informática, entre outros. Essas experiências revelam a realidade de jovens que vivenciam a universidade a partir de uma condição marcada pela precariedade econômica e pela sobreposição de





Essa realidade reforça o papel das políticas estudantis de permanência universitária, que devem considerar as desigualdades sociais, territoriais e de gênero que atravessam as trajetórias desses estudantes. Mais do que garantir o acesso, é fundamental que a universidade se constitua como espaço de acolhimento, escuta e reconhecimento das diversidades, capaz de legitimar as experiências de vida dos estudantes e favorecer processos de (auto)formação. Nesse contexto, a escrita de si se constitui com uma estratégia singular, pois permite que os licenciandos expressem suas vulnerabilidades, elaborem sentidos para as suas trajetórias e fortaleçam o sentimento de pertencimento à comunidade acadêmica.

De modo complementar, a experiência formativa desenvolvida com esses licenciandos corrobora o pensamento de Fortunato, Franco e Araújo (2025, p. 90), de que as cartas não se constituem somente como meios de comunicação, “[...] mas também um meio de resistência, a partir do qual histórias, reflexões e sentimentos se entrelaçam para construir uma educação mais humana [...]” e que valoriza o ‘ser’. A escrita epistolar ultrapassa, portanto, a dimensão pedagógica e assume um caráter político e emancipatório, ao possibilitar que os estudantes reafirmem suas identidades, revisitem suas histórias e se reconheçam como sujeitos de saber e de transformação.

O terceiro eixo temático diz respeito à dimensão pedagógica da escrita, pois o simples ato de escrever sobre si produziu alguns efeitos formativos: favoreceu a autorreflexão, fortaleceu vínculos com o grupo e estimulou a construção de uma escrita autoral. Muitos licenciandos relataram que a atividade lhes permitiu ‘parar para pensar’ sobre suas escolhas, reconhecer suas conquistas e projetar expectativas para o futuro.





As cartas revelaram, ainda, o desejo de pertencer, pois os licenciandos afirmaram que ao escrever, sentiram-se acolhidos, vistos e ouvidos no ambiente universitário, conforme ilustrado nas narrativas abaixo:

Mais uma vez agradeço pelas boas vindas. Me senti muito acolhido no dia de hoje. É muito bom ter espaço para me aproximar de meus colegas de turma e conhecer a sua história de vida também foi inspirador, professora. Obrigado. (Narrativa de um licenciando).

Venho por meio desta carta agradecer a professora pela recepção. Fico feliz em saber que em minha jornada terei profissionais com sensibilidade e capacidades iguais a sua. Embora eu não tenha o hábito de escrever sobre mim, confesso que essa atividade é bem interessante, e, além de aproximar a turma me ajudou a refletir sobre muitas coisas da minha vida e sobre o que eu quero para o meu futuro (Narrativa de um licenciando).

Essas narrativas evidenciam que a escrita de si atuou como dispositivo de elaboração emocional, pois permitiu que os estudantes expressassem fragilidades, potencialidade e reconhecessem a importância do acolhimento institucional e docente nesse momento de transição. De modo complementar, confirmam o valor da prática epistolar como espaço de escuta e vínculo, em consonância com Freitas (2021), que entende a carta pedagógica como um gesto de aproximação ética e afetiva entre professor e estudante.

Além disso, ao valorizar as experiências pessoais como parte constitutiva do processo educativo, o espaço da sala de aula converteu-se em um locus de diálogo e reconhecimento mútuo, que, mediado pelas escritas epistolares, permitiu que eles expressassem suas vivências, desafios e aprendizados, resgatando as dimensões afetivas e humanas do processo educativo (Fortunato; Franco; Araújo, 2025).

Destaca-se, nesse ínterim, as dimensões autorreflexiva e emancipatória da escrita de si, haja vista que, ao narrar-se, o sujeito torna-se também autor de sua formação (Souza, 2014). A escrita de cartas, nesse sentido, configurou-se como um exercício de humanização, uma metodologia que potencializa o desenvolvimento de uma postura reflexiva, sensível e ética diante do ingresso no Ensino Superior e na docência - valores essenciais à formação de professores comprometidos com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência formativa analisada neste estudo evidencia que a escrita (auto)biográfica, materializada na forma de cartas, constitui uma metodologia para o acolhimento e a escuta sensível de estudantes em formação inicial docente. As narrativas





produzidas pelos licenciandos do curso de Química revelaram trajetórias marcadas por desafios econômicos, sociais e emocionais, mas também por esperança, persistência e desejo de transformação por meio da educação.

Os resultados foram organizados em três eixos, que evidenciam as intensas transições identitárias inerentes ao início da formação docente, um período em que o estudante constrói pontes entre o vivido e o sonhado, entre o ser e o tornar-se profissional. Nesse contexto, as cartas se configuraram como instrumentos pedagógicos de resistência e pertencimento, ao possibilitarem que os estudantes expressassem suas vulnerabilidades e projetassem novas perspectivas para o futuro. Tal prática revelou-se, portanto, como um ato político, ético, autoral e emancipatório, que tende a contribuir para a ressignificação da relação dos sujeitos com o conhecimento, com a universidade e consigo.

Do ponto de vista pedagógico, a experiência demonstrou que o trabalho com cartas pedagógicas pode ser incorporado como prática regular nos cursos de licenciatura, promovendo vínculos, escuta mútua e autorreflexão, visto que a escrita epistolar, quando orientada por princípios freirianos de diálogo, amorosidade e respeito ao saber do outro, contribui para a constituição de uma identidade docente crítica, sensível, humanizada e comprometida com a transformação social.

Por fim, ressalta-se que a prática da escrita de si, desenvolvida neste estudo, não se encerra em uma experiência pontual, mas aponta caminhos para a consolidação de uma pedagogia da escuta e da narrativa, que reconheça a formação docente como processo vivo, coletivo e em permanente construção. A ampliação dessa proposta em outras disciplinas e contextos formativos tende a fortalecer uma cultura de formação mais humana e reflexiva, em que escrever sobre si se torne, também, um modo de aprender, ensinar e existir.

REFERÊNCIAS

FORTUNATO, I.; FRANCO, M. A. R. S.; ARAÚJO, O. H. A. Cartas pedagógicas na e para pesquisa qualitativa na formação docente: uma metodologia para humanizar. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 13, n. 35, p. 88–106, 2025. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/1120>. Acesso em: 19 out. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREITAS, A. L. S. Fazer a aula com Cartas Pedagógicas: legado de Paulo Freire e experiência de reinvenção no ensino superior. **Rev. Docência Ens. Sup.**, Belo Horizonte, v. 11, e035283, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/35283>. Acesso em: 15 out. 2025.





JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3, v. 63, p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: https://www.pucrs.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>. Acesso em: 16 out. 2025.

PASSEGGI, M. C. A experiência em formação. **Educação**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/8697>. Acesso em: 19 out. 2025.

SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação. Santa Maria**, Santa Maria, v. 39, n. 01, p. 39-50, abr. 2014. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198464442014000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2025.

TORRES-PATIÑO, I. C.; ROJAS-HERNANDEZ, C. M.; GARCÍA-PERDOMO, H. A. Barreiras de acesso e permanência na universidade: um olhar. **Einstein**. São Paulo. v. 19, eED6447, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ffxXGxg9ZFZQjFSJzwQFfjN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2025.

VIEIRA, A. H. Cartas Pedagógicas. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica, 2018, p. 75-76.

